

A VÍDEO-GRAVAÇÃO COMO REGISTRO, A DEVOLUTIVA COMO PROCEDIMENTO: PENSANDO SOBRE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

HONORATO, Aurélia – UNESC/GEDEST – aureliahonorato@yahoo.com.br

FLORES, Celia – UFSC/GEDEST – b_u_dflores@yahoo.com.br

SALVARO, Giovana – UFSC/GEDEST – ilkajs@terra.com.br

LEITE, Maria Isabel – UNESC/GEDEST – isabeleite@unescc.net

GT : Educação e Comunicação / n.16

Agência Financiadora: FUCRI/SC

Este texto ilumina o esforço de pesquisadores de um grupo de pesquisa, ensino e extensão na problematização da investigação *com* crianças e, em particular, na busca de se pensar criticamente o papel da vídeo-gravação como estratégia de registro e como proposta de devolutiva, de caráter formativo, tanto para as crianças, quanto para os pesquisadores.

Contextualizando a questão

Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.

Pinto (1997, p. 33/34)

Com a transformação gradativa da forma de produzir conhecimentos no que se refere às crianças e tomando-as como depoentes privilegiados das pesquisas, faz-se necessário reconhecer que há especificidades ao lidar com elas e, por esta razão, tem-se buscado estratégias a partir da leitura de diferentes pesquisadores com o objetivo de identificar os procedimentos metodológicos utilizados e pensar com maior distanciamento crítico sobre eles.

Neste processo, notamos que há produção crescente nesta área e, inclusive, o compartilhamento com nossa preocupação acerca do próprio fazer pesquisa *com* crianças. Leite (2006) traz à tona os textos de Cabral et al (2006), Ferreira (2005), Jobim e Souza & Lopes (2002), Kramer (2002), Leite (1996; 2002), Pereira (2002), Salgado et

al (2005), Silva et al (2005) e entra em diálogo com eles. Há ainda que se mencionar Algebaile (1996), Cerisara (2004), Monteiro (1996), Nogueira (1996), Oliveira (2005), Quinteiro (2002), Rocha (2004), entre outros, como pesquisadores que vêm tecendo e dando consistência a esta discussão.

Fica claro neste levantamento bibliográfico que a Educação, sozinha, não dá conta da complexidade do tema, exigindo, para aprofundamento da discussão e elaboração de procedimentos metodológicos mais pertinentes à pesquisa *com* crianças, um diálogo franco e aberto com a Sociologia – mais particularmente com a Sociologia da Infância; com a Psicologia – em especial com as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural; com a Filosofia – destacando-se a Teoria Crítica da Cultura; com a Antropologia – fundamentalmente com a chamada Antropologia da Infância e a Etnografia; entre outras áreas. Neste sentido, Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin e Lev Vygotsky aparecem em muitos desses textos como sendo interlocutores privilegiados, a partir não apenas de suas contribuições na área da linguagem, como ainda pelo conceito de infância que permeia seus escritos e seu próprio entendimento de ciência e pesquisa.

Pesquisar *com* crianças é uma forma significativa de produção de conhecimento acerca da infância e seus diversos modos de ser e agir em diferentes tempos-espacos. Estas pesquisas vêm contribuindo para que se tome consciência da importância de se investigar as relações adulto / criança, criança / criança ou ainda instituição / criança, sublinhando o quanto todo o contexto causa impacto em seus modos de ser e agir. Os textos supracitados mesclam-se entre a preocupação de elucidar uma reflexão mais teórica que fundamente este tipo de investigação e a proposta de trazer à tona relatos de pesquisas feitas e seus resultados, explicitando com mais, ou com menos detalhes, as estratégias adotadas. Entretanto, é importante sublinhar que não se trata apenas de alterar as estratégias metodológicas que comumente têm sido utilizadas, mas de buscar uma mudança paradigmática na pesquisa *com* crianças, pois, como ressaltam Silva et al (2005, p.56), “mais do que ‘dar voz’ trata-se, então, de escutar as vozes e observar as interações e situações, sem abdicar do olhar do pesquisador, mas sem cair na tentação de trazer os sujeitos apenas a partir desse olhar”.

Concretizar esta mudança de paradigma significa, entre outras coisas, perceber que, tendo a criança como parceira de pesquisa, podemos melhor compreender “criticamente a produção cultural de nossa época, e os lugares sociais que adultos e crianças ocupam neste processo de criação” (Salgado et al 2005, p.10). Nesta

abordagem, as crianças são entendidas não como objetos, mas como *sujeitos* co-autores de pesquisas.

As diferentes infâncias

Crianças são *actores sociais* implicados nas mudanças e sendo mudados nos mundos sociais e culturais em que vivem, e como protagonistas e repórteres competentes das suas próprias experiências e entendimentos – elas são, portanto, as melhores informantes do seu aqui e agora.

Ferreira (2005, p.9 – grifos no original)

A criança, ao longo da história da humanidade, foi sendo vista e compreendida de diferentes formas assumindo papéis sociais diversos. Na realidade percebe-se muitas vezes uma coexistência de conceitos, que variam desde a inexistência do sentimento de infância apontada por Ariès (1978) em suas pesquisas, passando pela perspectiva etapista e faseológica que compreende a infância como “mero estado de passagem, precário e efêmero, que caminha para sua resolução posterior na idade adulta, por meio da acumulação de experiências e conhecimento” (Jobim e Souza 1996, p. 44), atribuindo a ela “uma qualidade de menoridade e, conseqüentemente, sua relativa desqualificação como estado transitório, inacabado e imperfeito” (idem); até esta idéia de criança tão difundida nos dias de hoje: cidadã de pouca idade, pessoa que é, com direitos e deveres. Fala-se sobre a criança / pessoa que é, sim, diferente dos adultos, que tem especificidades, saberes e insere-se, a sua forma, no vivido pela sociedade. Criança que se apropria, mas também (re)cria a cultura na qual está imersa.

Para além da constatação da vigência de simultaneidade entre os diferentes conceitos de infância e criança, certamente o que se coloca como um novo caminho é a perspectiva de perceber a criança dentro de um contexto, através da "... focagem nas dimensões sociais da infância, isto é, no conjunto de processos sociais, mediante os quais a infância emerge como realidade social, realidade essa que também produz, em certa medida, a própria sociedade" (Pinto 1997, p. 34). Se admitimos que as diferenças de gênero, classe social, local de moradia, e tantas outras práticas sociais constituem o sujeito, não temos como delimitar um conceito único, homogêneo, sobre criança e infância. Assim, parece mais adequado pensar na existência de *infâncias*, ou seja, a

assunção de que há diferentes formas de ser criança e que estas, de fato, são, desde que nascem, sujeitos atuantes em sua realidade, atores sociais. É, então, a partir dessa compreensão de criança e de seu lugar como *ator social*, que precisa ter seus direitos assegurados – sendo ouvida, respeitada – que temos visto, cada vez mais freqüentemente, as produções acadêmicas tratarem as crianças.

Perceber a diferença das *visões* que são possíveis ao pensarmos nas crianças pode modificar, sobremaneira, as idéias que levantamos acerca das investigações que nos propomos a fazer com elas. Notamos que essa diferença tem se feito explícita nas pesquisas, e, de certa forma, explica o movimento percebido mais fortemente nesta última década: passamos de uma produção eminentemente *sobre* as crianças, a produzir *com* as crianças, rompendo, assim, com a perspectiva etimológica do termo *in fans*, entendidas como aquelas que não falam, ou, como denuncia Martins (1991), como “os mudos da história” (p.54). Meninos e meninas consideradas com vez e voz. Vozes que trazem à tona aquilo que vivem, ouvem dizer ou imaginam; vozes pouco ouvidas e quase nunca levadas a sério.

Adultos e crianças na busca do diálogo – espaços de narrativa

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

Benjamin (1994, p.201).

Salgado et al (2005) sublinham que a investigação que provoca espaços de narrativa traz consigo uma “intenção dialógica na produção do conhecimento crítico entre adultos e crianças” (p.13) – possibilidade de diálogo entre crianças e adultos apontada, não apenas como princípio metodológico, mas como princípio educativo. Falando sobre as possibilidades dialógicas entre diferentes sujeitos, Palangana (2000, p.29) define linguagem como “via de mão dupla, quer dizer, ela tanto forma como comunica os inúmeros sentimentos e habilidades objetivados”. Assim, entende-se que a ação discursiva passa por compreender o papel do outro na construção de significados. Entretanto, segundo Leite (2006), “não se trata de buscar, nas diversas expressões das crianças, as *explicações* – alicerçadas num sentido único, base da informação monológica – mas versões, olhares, significações diversas”.

Também Silva et al (2005) assinalam a importância da narrativa para o estabelecimento das relações adulto / criança. Benjamin (1994) aponta o caráter coletivo da produção de sentidos afirmando que a semente da narrativa está no outro. Para o Autor, “quanto mais o ouvinte esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (p.205).

E é num permanente “jogo de posições, lugares, perspectivas, vozes, pressuposições, enunciações, convergências e diferenças que sujeitos se constituem (são interpelados como tais) e múltiplos sentidos se produzem” (Smolka 2000, p.59). Criar espaços de narrativa – espaços *onde o eu e o outro marcam encontro* (Leite 2006) – tem relação direta com a concepção de linguagem e com o papel do outro na constituição do sujeito e na formação da consciência. “Nas experiências partilhadas, a criança não vai simplesmente aprendendo a cumprir ordens, a imitar posturas, a seguir regras e princípios. Mais que isso, interiorizando-os, dominando suas correspondentes operações e, não raro, (re)elaborando-os” (Palangana 2000, p.30). Do ponto de vista da pesquisa,

a posição e a perspectiva teórica do investigador recortam e realçam as *interações verbais* que têm como objetivo circunscrever contornos e captar aspectos dinâmicos do que está acontecendo. Esse modo de aproximação requer que não se tome cada enunciado em separado, mas se trabalhe na tessitura do movimento interlocutivo, buscando a textura (o caráter de texto) da trama discursiva (Smolka 2000, p.57 – grifos no original).

Sobre a especificidade da linguagem infantil, Ferreira (2005) salienta a necessidade de percebermos que,

ainda que possam expressar-se diferentemente de nós; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem (p.6).

Assim, fazer eclodir as diversas falas e expressões das meninas e dos meninos com os quais pesquisamos é fundamental, afinal, “tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica” (Queiroz 1988, p.19).

A criança, ao narrar, está atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção cultural. Bakhtin (1992) fala do poder

específico da “fronteira flutuante entre o não-dito e a palavra” (p.63), portanto, amplia o conceito de narrativa, considerando-a como a ação que se dá num campo de tensão permeado pela imaginação, pela cultura, pela linguagem.

É com olhar atento que pesquisadores buscam compartilhar dessa clareira imaginativa que aparece num espaço no qual se privilegie as diferentes narrativas. Espaços nos quais se busque a “utilização imprevista, a espontaneidade, a imaginação criativa” (Egan 1994, p.48). Espaços que, para Richter (1999, p.183), façam emergir a “natureza figurativa e poética do pensamento infantil, a partir da especificidade da ação lúdica construtiva, como fonte do necessário equilíbrio, dinâmico e dialético, entre uma ação racional e uma imaginação criadora”.

A vídeo-gravação como instrumento de registro das narrativas circundantes

É preciso aprender a olhar o mundo indo aos detalhes, melhor dizendo, decompor o mosaico para melhor enxergar a figura que reina majestosa no todo de uma revelação figurativa.

Jobim e Souza & Lopes (2002, p.64)

Segundo Ferreira (2005), uma das formas de se aprofundar conhecimentos acerca da infância em muitos de seus aspectos e favorecer, assim, que se supere a idéia de criança como sujeito passivo, em falta, ou vir-a-ser é observá-la e registrá-la em ação. Assim, para além de outros debates pertinentes sobre as pesquisas *com* crianças, um dos maiores focos de reflexões tem sido as formas como se registram estas pesquisas; uma preocupação com o recolhimento dos depoimentos infantis.

O reconhecimento das especificidades da criança em relação ao adulto vem levando pesquisadores à busca por encaminhamentos próprios que melhor atendam ao trabalho com as crianças. Afinal, como registrar tantos meandros, tantos detalhes, tantas relações para depois debruçar-se sobre? Há ditos que não são pronunciados oralmente; ditos que não são captados por um gravador e acabam perdidos sem um registro... Desta percepção desdobra-se a idéia de que a captação da imagem também pode revelar-se como rica fonte de elementos a serem analisados, apesar de ainda haver pouca bibliografia que reflita teórica e criticamente sobre seu uso nas pesquisas em geral (Peixoto 1998) e nas pesquisas *com* crianças, em particular.

Nessa esteira aparece o uso da fotografia como uma forma de “congelar” os momentos vividos, as expressões reveladas, as reações desencadeadas. A captura de imagem passa a ser percebida como um instrumento cujo “conteúdo informativo é tão importante para a construção do objeto de estudo quanto as histórias de vida, os dados estatísticos ou os registros bibliográficos. De natureza diversa, esses suportes devem ser tratados como unidades de informação” (idem, p.216). A Antropologia, especialmente a Etnografia Visual, em muito contribuiu no desenvolvimento da fotografia como instrumento e da análise das imagens dele derivadas. Posteriormente, a filmagem revela-se como instrumento outro que, ao invés de “congelar” momentos, busca capturá-los de forma diversa – traz som, imagem e movimento integrados, assumindo que a imagem sozinha não cobre tanto o panorama pesquisado, mas pode ser vista/entendida em conjunto com o som e o movimento de forma a favorecer o desvendamento da “intrincada rede que constitui a produção de sentidos” (Macedo et al 2004, p. 16). Palavra e imagem em movimento fazem, da vídeo-gravação, modos de buscar capturar a essência das narrativas em jogo. Para Peixoto (1998) o texto escrito e a imagem/som têm uma relação não de identidade ou oposição, mas de complementariedade.

A palavra é companheira, uma vez que com ela a imagem se enriquece, ganha contornos (...) há que se decompor as imagens em palavras e devolver ao outro as possíveis interpretações daquilo que é visto, tirando as imagens técnicas mediadoras de um diálogo entre pessoas que buscam novos modos de narrar sua experiência, recriando o mundo na imagem e no discurso (Jobim e Souza & lopes 2002, p. 64).

A vídeo-gravação não apenas captura mais ângulos de uma dada realidade como ainda, por sua capacidade mimética, também minimiza a intervenção do pesquisador – ela não a elimina, é claro, pois há sempre o olhar de quem filma. Olhar marcado social, histórica e culturalmente. Olhar não-neutro que focaliza e traz aspectos ao centro da cena, enquanto relega outros a segundo plano ou deixa-os de fora. Aquele que filma, caso não seja o próprio pesquisador, já é um co-autor da pesquisa, portanto, deve estar totalmente afinado com esta.

Todo filme implica uma narração, mesmo que não conte uma história completa nem anuncie o espaço e o tempo em

que se passa ação *escolhida pelo realizador*. Não existe um ponto neutro em que a realidade falará por si mesma, da mesma forma que não é possível querer expressar todos os pontos de vista simultaneamente, sob todos os ângulos e em tempo real (Peixoto 1998, p.222 – grifo nosso).

Vale ressaltar, outrossim, que o pesquisador, ao transcrever a imagem para analisá-la, já a reduz, empobrecendo-a. Queiroz (1988.) aponta que na transcrição sempre há “um empobrecimento quando comparado com a fita gravada” (p.17), afinal, além do recorte da filmagem, “de novo o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar de alguma forma o que fora registrado” (idem).

Neste processo de apropriação do uso da vídeo-gravação como instrumento de pesquisa, percebe-se que, além de fornecer elementos outros para enriquecer a investigação, tal instrumento pode prestar-se a operar como forma de *devolutiva de pesquisa* – “pois esse é um método rico de coleta e tratamento de informações e possibilita *uma troca e um retorno imediato* às pessoas entrevistadas/filmadas” (Peixoto 1998, p.214 – grifos nossos) – perspectiva que também alimenta a própria formação do pesquisador.

A devolutiva como procedimento – o ver-se por fora da cena

É possível perceber a mediação do pesquisador provocando alterações de comportamento (...) percebe-se o pesquisador desafiando o sujeito, questionando suas respostas, o que possibilita entrever o comportamento afetado pela interferência de outra pessoa.

Freitas (2002, p.25)

Discutindo mais especificamente as crianças na contemporaneidade, Salgado et al (2005) explicitam sobre o uso da vídeo-gravação em suas pesquisas como meio próprio de abordagem da temática investigada: mídia. “Fazer uso da imagem e do som como formas de compreender uma época que se constitui em torno das tecnologias audiovisuais. Se a mídia televisiva obedece a uma linguagem específica, há que a conhecer para poder intervir a partir de um outro prisma” (p. 19). Fernandes & Oswald (2005) também salientam que o trabalho com as imagens veiculadas em desenhos

animados coloca-se como afirmação da não passividade das crianças perante a TV. Outrossim, interessa-nos neste texto perceber a relação da criança com suas próprias imagens em ação; buscar investigações nas quais a relação da criança com a imagem não seja a ponta final da questão pesquisada, nem tampouco apenas uma forma de coleta de dados. Nesse sentido, voltamos a Salgado et al (2005) que utilizaram a imagem gravada para além disso – as gravações eram apresentadas para as crianças para que estas pudessem ver-se ao interagir com a televisão, para que isso provocasse novas discussões e reflexões. Tais atividades eram desenvolvidas em grupos (pesquisadoras e crianças / adulto e pares) o que, segundo as pesquisadoras, também provocava a criação de novos sentidos por parte das crianças.

Assim, mostrar às crianças suas ações anteriormente gravadas no vídeo pode ser, então, uma *forma de devolutiva* do visto/vivido por elas; a “possibilidade de comentar, explicar, *discutir no campo (ou posteriormente) com os atores* ou quem quer que seja) as seqüências filmadas” (Sardan *apud* Peixoto 1998, p.218 – grifos nossos); e assim, na medida em que caracteriza-se como “um novo tipo de mediação entre o pesquisador e aqueles que estuda” (idem), “permite associar diretamente esses últimos à pesquisa” (ibidem). Ver-se em ação é, então, entendido como possibilidade de ressignificação dos papéis de pesquisador-pesquisado, sublinhando o caráter de co-autoria nas pesquisas que se utilizam deste instrumental.

Também um estudo realizado *com* crianças e jovens, filhos/as de trabalhadores/as rurais, ainda que não tenha tratado diretamente da temática envolvendo a discussão da vídeo-gravação como procedimento devolutivo, pode oferecer contribuições para se pensar essa possibilidade. Inicialmente, faz-se importante destacar uma das especificidades que marcaram o referido estudo, na medida em que aponta para a problematização da investigação *com* crianças, assim como para “o caráter interativo do processo de produção do conhecimento” (González Rey 1995, p.34).

Desse modo, estudar os sentidos produzidos pelos sujeitos no que se refere à divisão sexual do trabalho em um assentamento coletivo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na perspectiva de gênero, foi a temática de investigação de Salvaro (2004), de modo que as mulheres e os homens adultos eram os sujeitos privilegiados da pesquisa. As crianças e os jovens foram se constituindo como co-autores no curso da pesquisa, orientado pelo método etnográfico, que segundo Fonseca (1999), “é calcado numa ciência, por excelência do concreto” (p.58). O concreto, por assim dizer, apresentou as crianças e os jovens como parte constitutiva do

locus de investigação. Sobre isto, Geertz (1978) pontua que, “... o *locus* do estudo não é objeto de estudo... os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias” (p.32).

Assim, como parte do processo investigativo e tomando as crianças e os jovens como co-pesquisadores, foi realizada uma atividade na escola multisseriada localizada no assentamento, na semana seguinte a do dia do trabalhador, cuja proposta era apresentar os trabalhos realizados por suas famílias no cotidiano. A atividade consistiu na produção de desenhos e textos, seguidos pelo relato oral de seus/suas autores/as acerca de cada obra. Sobre o aspecto do registro, como ponto de partida, a vídeo-gravação dos relatos estava atrelada ao fato de que poderia oferecer, naquele cenário investigativo, vantagens em relação ao uso de outros procedimentos, por se tratar de uma atividade desenvolvida em um grupo e pelas alternativas técnicas que o equipamento oferecia. No decorrer do processo, outras possibilidades foram sendo apresentadas e diziam respeito ao interesse das crianças e dos jovens pelo equipamento de registro – a filmadora –, pelo modo como as informações eram registradas e, ainda, por seus desempenhos individuais e coletivos. Isto remete ao caráter ativo do pesquisador e dos sujeitos pesquisados e o lugar que ocupam na produção do conhecimento.

Pode-se dizer, então, que um procedimento de registro de informações para fins posteriores de análise, por meio de seu equipamento técnico e das relações que se estabeleceram entre pesquisador-pesquisados, sujeitos ativos, no cenário investigativo, assumiu *finalidades devolutivas*. As crianças e os jovens solicitaram a exibição das imagens, acredita-se, num possível esforço de (re)conhecimento da (co)autoria na produção de informações. A possibilidade de (re)pensar os procedimentos e suas finalidades vem ao encontro do que González Rey (2005) ressalta sobre o fato de que “o curso da pesquisa, as estratégias empregadas e os instrumentos não constituem definições rígidas *a priori*, mas são definidas pelo curso da informação e pelas necessidades que surgem progressivamente” (p.57-58).

Outra questão central, no caso referido, diz respeito à opção pelo relato oral das crianças e dos jovens, justificada pelo fato de que na perspectiva histórico-cultural, instrumental teórico da investigação, a palavra como signo lingüístico veicula significados e sentidos. Para Vygotsky (1987), “uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (p.125)”. Isso sugere

considerar que no curso dos procedimentos devolutivos, a exibição de imagens gravadas pode suscitar a produção de outros sentidos, fundamentais para a produção de conhecimentos.

Também Ferreira (2005) coloca a noção de *reflexividade* como cerne da pesquisa com crianças – como possibilidade permanentemente de questionar “as práticas de investigação e os processos de construção de conhecimento como processos sociais, não dispensa a vigilância e obriga à análise crítica dos obstáculos epistemológicos suscitados pela apreensão da categoria social infância, em especial, o adultocentrismo” (p.13).

Mostrar as imagens filmadas às crianças pode ser, portanto, bastante produtivo uma vez que elas podem comentar, apontar aquilo que acham mais importante, reconsiderar, opinar, sugerir, explicar, denunciar, rir, julgar, enfim (Leite 2006). Para Egan (1994), favorecendo que se vejam na vídeo-gravação, “podemos proporcionar às crianças objectos de reflexão que desafiem e estimulem as potencialidades imaginativas que utilizam no seu modo de pensar” (p. 32).

Não apenas as crianças se beneficiam neste processo. O carácter formativo das devolutivas de faz notar, ainda, na constituição do próprio pesquisador quando da transcrição das imagens, uma vez que possibilita rever-se criticamente, analisar com maior distanciamento sua fala, seus gestos, a forma como dá atenção às crianças etc., já que, como diz Freitas (2002, p.26), “o pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformação”.

Iluminando algumas considerações finais

Ao longo deste texto procuramos trazer à tona a discussão sobre a pesquisa *com* crianças e, mais especificamente, iluminar criticamente a utilização da vídeo-gravação como procedimento nestas pesquisas. Para tanto, elucidamos alguns textos que apontam a crescente preocupação dos pesquisadores no aprimoramento da recolha de informações trazidas para as pesquisas que têm crianças como depoentes. Esse breve levantamento nos permite concluir a necessidade de incorporarmos um olhar interdisciplinar quando o assunto está em foco. Neste sentido, as contribuições da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e da Filosofia têm se mostrado muito positivas.

Observamos, ainda, que o posicionamento assumido ao haver a proposição da realização de pesquisa *com* criança sofre influência direta da própria compreensão do pesquisador acerca do que significa ser criança. Assim, uma reflexão mais aprofundada sobre as diferentes formas que o conceito de criança assume em nossa sociedade se faz indispensável para esse pesquisador. Ainda mais, ousamos afirmar que uma pesquisa que propõe a criação de espaços de narrativa entre crianças com a participação do adulto-pesquisador, precisa partir do pressuposto de que a criança é sujeito em interação com o meio, sujeito que se apropria da realidade em que está imerso, mas também contribui – com seu olhar e sua forma – para o entendimento desta realidade.

Diante do exposto até aqui, fica evidente que registrar em vídeo o que pensam, sentem e dizem as crianças na perspectiva de estudar, desvendar e conhecer as culturas infantis constitui-se, não apenas em mais uma fonte oral, corporal e visual de pesquisa, mas, principalmente, em uma possibilidade de investigação acerca da infância, uma vez que significados e sentidos se manifestam em palavras, gestos e relações.

Para Demartini (2002), toda situação de entrevista, tudo na pesquisa é parte da mesma e deve ser considerado na análise, especialmente quando se trata de crianças. Meira (1994) ao discutir a análise detalhada “da evolução das relações entre agentes e situação” (p.51) – análise microgenética – e a videografia, afirma que “o registro em vídeo de atividades humanas, apresenta-se como uma ferramenta ímpar para a investigação microgenética dos processos psicológicos complexos, ao resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais” (p.61). Peixoto também defende o uso da imagem em pesquisas sociais considerando que ela tem “mais expressividade e força metafórica; ela condensa, tornando a percepção dos fenômenos sociais mais sensível, já que é mais alusiva, mais elíptica e mais simbólica” (1998, p.215). Entretanto, a própria Autora (1998, p.214) alerta que a “tentação de registrar sem parar põe em risco a análise e a produção de sentido no resultado final do trabalho imagético. A única maneira de evitar a estocagem de imagens é não perder de vista que a pesquisa é o cerne do trabalho audiovisual”. Nesse sentido, sugere que o pesquisador tenha “sempre uma idéia do sujeito a ser filmado, pois, quando não tem bem claro o que quer filmar e como fazê-lo, as imagens correm o risco de ser incompreensíveis e até sem sentido” (p.216).

E como analisar o material coletado? As imagens gravadas, registros do discurso verbal e não-verbal, não se constituem meramente como cópias da realidade investigada, à medida que compreendem a gênese de um processo de produção e apropriação de significados e sentidos, seja por parte do sujeito pesquisador ou dos

sujeitos pesquisados. Nessa dinâmica, as informações gravadas, aprendidas em seu movimento, por sua vez, constituem-se como possibilidades de fomentar outros movimentos a cada exibição. Existe, portanto, uma riqueza de abordagens para a análise dessas informações e o grande desafio do pesquisador é buscar o descentramento do olhar do adulto como condição de percepção da criança. Praticar o exercício que Bakhtin (1992) chama de exotopia, no qual se admite sair de si e entrar no olhar do outro, para entender a partir de onde o outro está falando, constitui a prática da escuta para o outro. Dialogismo e alteridade são características essenciais e necessárias para se compreender o mundo, sempre em mudança, e interpretá-lo de muitas e diferentes maneiras.

Cabe pontuar, ainda, tendo em vista as questões apresentadas, que é possível sugerir a construção de parcerias para a escolha das imagens a serem analisadas, incluindo os sujeitos envolvidos no cenário investigativo. Tal sugestão pode parecer estranha, mas estaríamos simplesmente legitimando outros aspectos, como considerado anteriormente, do caráter ativo das inter-relações sociais e culturais produtoras e produtos deste cenário.

Apesar de este ser o tema central do nosso texto, sabemos que a discussão sobre o uso da vídeo-gravação na pesquisa *com* crianças não foi esgotada. Além das questões por levantadas merecerem ainda atenção, não chegamos, aqui, a tratar de outros pontos importantes para o pesquisador, como o consentimento do depoente em relação à filmagem e o uso das imagens capturadas. No caso da pesquisa *com* crianças, quem dá esse consentimento? A própria criança? O adulto responsável por ela? Ambos precisam consentir? Apenas o pesquisador que esteve em campo faz uso destas durante a análise do material recolhido? As imagens devem ou não ser usadas, também em ambiente acadêmico, mas com a finalidade de apresentar a pesquisa em Seminários, Congressos e similares? Nossa intenção é ampliar essa discussão. Visitando outros olhares, respondemos a algumas questões e abrimos espaço para que outras possam ser reveladas, num processo contínuo e permanente de produção de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ALGEBAILLE, Maria Angélica. Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (121-147).

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, In _____. **Obras Escolhidas I – Magia e Técnica. Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (197-221).
- CABRAL, Gladir et al. **A place for childhood education, language and memory**. SC: PPGE/UNESC, 2006 [mimeo].
- CERISARA, Ana Beatriz. Em Busca do Ponto de Vista das crianças nas Pesquisas Educacionais: Primeiras Aproximações, In SARMENTO, Manuel J. & CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Portugal: ASA Editores AS, 2004 (35-54).
- EGAN, Kieran. **O uso da narrativa como técnica de ensino**. Portugal: Dom Quixote, 1994.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Oraís, In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri & PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002 (1-17).
- FERNANDES, Adriana Hoffmann & OSWALD, Maria Luiza Bastos Magalhães. A recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros, In **Cadernos Cedex**. Campinas, vol. 25, nº 65, jan / abr 2005 (25-41).
- FERREIRA, Manuela. **“Branco demais” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças**. Caxambú: ANPEd, 2005 [mimeo].
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso, In **Revista Brasileira de Educação**. 10, 1999 (58-78).
- FREITAS, Maria Teresa de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa, In **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, julho 2002 (21-40).
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, In _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (13-41).
- GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

JOBIM e SOUZA, Solange. Re-Significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (39-72).

_____. & LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola, In **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, julho 2002 (61-80).

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças, In **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, julho 2002 (41-60).

LEITE, Maria Isabel. O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (73-96).

_____. Repensando a escola – com a palavra: a criança da área rural, In **Revista Proposições**. Campinas: UNICAMP/FE, vol.13, n. 1 (37), jan-abr 2002 (176-185).

_____. **Espaços de narrativa** – onde o eu e o outro marcam encontro. SC: UNESC, 2006 [mimeo].

MACEDO, Elisabeth et al. Apresentação, In **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Centro de Estudos Educação e Sociedades. São Paulo: Cortez, vol. 25, jan / abr 2004 (15-16).

MARTINS, José de Souza. **O massacre dos inocentes**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em Psicologia Cognitiva, In **Temas em Psicologia: questões teórico-metodológicas**. São Paulo: n.3, 1994 (59-71).

MONTEIRO, Mariângela da Silva. Crianças e linguagem num contexto especial: um estudo etnográfico, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (149-179).

NOGUEIRA, Leticia. A criança e o computador: trilhando caminhos de pesquisa em educação na modernidade, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (97-119).

OLIVEIRA, Alessandra R.M. de. Ouvindo crianças: um encontro com a Infância na Creche, In **Reflexão e ação**. Santa Cruz do Sul: UNISC, v.13, n.1, jan/jun 2005 (65-90).

PALANGANA, Isilda C. A função da linguagem na formação das consciências: reflexões, In **Cadernos Cedex**. Campinas: UNICAMP, n.35, jul 2000 (19-35).

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais, In FELDMAN-BIANCO, Bela &

- MOREIRA LEITE, Mirian (orgs.). **Desafios da imagem:** fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998 (213-224).
- PEREIRA, Rita M.R. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção, In **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, julho 2002 (81-105).
- PINTO, Manuel. A infância como construção social, In SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel (coord.). **As crianças:** contextos e identidades. Braga, Portugal: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997 (33 – 73).
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”, In SIMSON, Olga de M. Von. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988 (14-43).
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: Um Campo de Estudos em Construção In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de et al (orgs.). **Por uma cultura da infância** - metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002 (19-47)
- RICHTER, Sandra. Infância e Imaginação: o papel da arte na educação infantil, In PILLAR, Analice D. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999 (181-198).
- ROCHA, Eloísa C. Criança e Educação: Caminhos da Pesquisa, In SARMENTO, Manuel J. & CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos:** perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Portugal: ASA Editores AS, 2004 (245-265).
- SALGADO, Raquel Gonçalves et al. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão, In **Cadernos Cedes**. Campinas: UNICAMP, n. 65, jan / abr 2005 (9-24).
- SALVARO, Giovana I.J. “Ainda precisamos avançar”: os sentidos produzidos por trabalhadoras/es rurais sobre a divisão sexual do trabalho em um assentamento coletivo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de SC. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- SILVA, Juliana P. da et al. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças, In **Revista Perspectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC/NUP/CED, v.23, n.01, jan-jun 2005 (41-64).
- SMOLKA, Ana Luiza B. Conhecimento e produção de sentidos na escola: a linguagem em foco, In **Cadernos Cedes**. Campinas: UNICAMP, n.35, jul 2000 (50-61).
- VYGOTSKI, Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.